

Exceptional Journeys

Brion Nuda Rosch e Sean McFarland

Colagem e fotografia

Curadoria: Rita Sobreiro

25 MAI 2012 – 30 JUN 2012

Inauguração *opening* 25 MAI | 22H00

3+1 ARTE CONTEMPORÂNEA

HORÁRIO *SCHEDULE*

TER – SAB *TUE – SAT*

14H00 – 20H00

MORADA *ADDRESS*

RUA ANTÓNIO MARIA CARDOSO, 31

1200-026 LISBOA

PORTUGAL

CONTACTOS *CONTACTS*

+ 351 210 170 765

www.3m1arte.com

A 3+1 apresenta pela primeira vez em Portugal colagens e fotografias dos artistas norte-americanos Brion Nuda Rosch (1976, Chicago) e Sean McFarland (1976, Califórnia).

Baseados em São Francisco e expõem consistentemente desde 2003/2004, ambos os artistas têm obtido amplo reconhecimento por parte do público e do meio especializado, reconhecimento esse que se traduz em importantes prémios (Brion - Artadia Award, 2009; Sean - Baum Award for Emerging American Photographers, 2009) e representação em coleções prestigiantes como as do MoMA e Deutsche Bank, Nova Iorque (Brion) ou do SFMoMA e Whitney Museum of American Art Library (Sean).

Brion e Sean partilham do interesse pela paisagem como sujeito das suas construções visuais e recorrem à montagem como processo base de hibridação entre o ficcional e o documental. As suas imagens são em grande parte re-apresentações de paisagens possíveis que habitam uma “ideia de real”. Elas existem já no nosso sistema visual porque evocam memórias aproximadas e se ajustam suficientemente ao estereótipo. Com efeito, estas obras apresentam uma meta-realidade, uma realidade amplificada, composta, feita de camadas, de apropriações, de impossibilidades, no entanto passível de ser aceite pela razão como categoria operativa para o entendimento da imagem.

+++++

*All Nature is but art, unknown to thee
All chance, direction, which thou canst not see;
All discord, harmony not understood;
All partial evil, universal good.
— Alexander Pope*

O mito do Oeste Americano enquanto último reduto da natureza intocada e “terra das oportunidades” foi criado em grande parte pela possibilidade da sua representação em forma de imagens e sobreviveu como ideia mesmo após a sua ocupação desenfreada e conseqüente transformação. Mas, como afirma Sean McFarland, “depois de ser fotografado, o Oeste americano nunca mais poderia ser selvagem”. A representação imagética – especialmente sob a forma de fotografia pelo seu atributo de verdade – entra assim para a história da paisagem americana no papel de agente-duplo que colabora tanto na preservação como na destruição do lugar encontrado.

A criação deste mito e os processos da sua desconstrução são referentes importantes na leitura das colagens de Brion Nuda Rosch e fotografias de Sean McFarland. De certa forma eles pertencem à linhagem dos paisagistas americanos – do misticismo romântico da Hudson River School na pintura à grandiloqüência lumínica de Ansel Adams na fotografia –, ainda que enformados de uma nova consciência estética, política e ecológica.

Não será decerto improvável encontrar nas páginas de livros sobrepostas que constituem as obras de Brion pinturas de Thomas Cole, Albert Bierstadt¹ ou dos seus discípulos. Mas as razões pelas quais Brion apropria estas imagens têm já pouco a ver com a crença numa América abençoada e destinada ao progresso. Ou melhor, essa referência é apresentada apenas para ser subvertida. As motivações prendem-se agora às ideias de memória pessoal e colectiva, de reprodução e reconstrução (todas necessariamente interligadas).

Durante uma visita ao seu estúdio, Brion contou-me das viagens de carro que fazia com a sua família em criança e dos momentos em que paravam para admirar uma determinada paisagem, específicos enquadramentos do real que se foram gravando na sua memória. Mas porque a memória é um bicho criativo, essas imagens sobrepõe-se, reconstroem-se sozinhas, criando novos registos. No fundo, dizia-me, estamos sempre a procurar e a encontrar a mesma paisagem. Estas montanhas achadas em páginas de livros funcionam portanto como arquétipos; mais do que realidades geográficas, elas representam o mito da natureza selvagem que hoje sabemos morto. Ao colar uma montanha sobre a outra, alinhando-as perfeitamente para que o cérebro aceite a imagem como legível, Brion não só pede um olhar atento passível de despertar considerações mais profundas sobre a nossa relação com a natureza e a sua imagem, como pratica um ato impossível, um gesto genuinamente poético. Mover montanhas, criar novas paisagens a partir de preexistências sem no entanto colocar nelas o destrutor dedo humano. Criar novos mundos com gestos mínimos, sem deixar marcas.

Sean McFarland interessa-se pela paisagem e sobretudo pela sua história. As fotografias que constituem a série aqui apresentada – *Pictures of the Earth* – são, nas suas palavras, “testemunhos da paisagem, mostrando a sua história, a nossa marca nela e a admiração da sua beleza”. Pouco interessa se grande parte das imagens não são capturadas *in loco* pelo artista, mas antes construídas no estúdio a partir de outras imagens. Toda a história é ficção e desde sempre a realidade foi contada através de histórias. O aparente distanciamento da ficção funciona como um filtro para apresentar o essencial de uma ideia. E a ideia aqui é a da tentativa de aproximação a uma natureza intocada, já inexistente mas ainda passível de ser apresentada como verdade. O recurso à técnica da *polaroid*, associada ao instantâneo e à qualidade de índice (a prova de presença) atribui a estas imagens uma ideia de veracidade essencial à sua eficácia visual e conceptual. O facto de serem apresentadas como

¹ Pintores da Hudson River School

verdade, não só produz esse sempre eficaz mecanismo psicológico da estranheza familiar, como possibilita – essa é a esperança do artista – o questionamento da nossa relação com a paisagem e com a sua representação.

Ao mesmo tempo que atestam fascínio e nostalgia por uma ideia de natureza em estado selvagem, estas imagens falam portanto da sua desintegração, no sentido ecológico e no sentido estético. Elas afirmam que, na sua existência real como na sua representação, a paisagem é sempre composição, fruto de um processo de escolha, de síntese e consequentemente de exceção.

Sean McFarland e Brion Nuda Rosch operam com base nesta premissa de que toda a paisagem é síntese mental, nela explorando as possibilidades do gesto mínimo e/ou imperceptível. Há no trabalho de ambos os artistas uma qualidade clássica e intemporal, um jeito singelo de criar elegantes imagens, atmosferas sensíveis, curtos poemas plenos de sentido(s).

Rita Sobreiro, Maio 2012

Parceria: Eli Ridgway Gallery, São Francisco, EUA

